

# XXX CONGRESSO PSICOANALITICO LATINOAMERICANO - "REALIDADES Y FICCIONES"

Monique ASSIS

*“Eu vi na televisão que as pessoas, quando morrem, vão para o limo...”*

## **RESUMO**

Este artigo se propõe a expor um caso clínico de uma paciente mergulhada num quadro de melancolia. Os alicerces escolhidos para a descrição do caso partem da experiência clínica e das formulações teóricas extraídas a partir dessa experiência. Uma fala aparentemente insólita da paciente trouxe à baila uma vivência da dupla analítica até então inabitada. L, a paciente, chorava a morte de um marido adjetivado por ela sempre com termos como inescrupuloso, frio, perverso e manipulador. A confusão entre “limo” e “limbo”, título deste trabalho, feita pela paciente me fez recorrer a Roussillon como um possível caminho de teorização a partir da ideia de identificação incorporativa.

## **APRESENTAÇÃO DO CASO**

Luana é uma senhora de aproximadamente 55 anos de idade, que já está em análise por três anos. Apresenta um aspecto frágil, bem magra, com movimentos lentificados e uma fala quase inaudível. No entanto, é bastante vaidosa, veste-se muito bem, com muitos acessórios (brincos, pulseiras, anéis, bolsas etc.) e está sempre muito maquiada e com o cabelo muito arrumado, acompanhando tons e tendências da moda. Esta ambivalência entre seu mundo interno (empobrecido) e sua aparência externa (superinvestida) me chamou a atenção e se fez presente em vários outros aspectos de sua vida. Parecia que o mundo externo, tão “florido”, em nada refletia o seu mundo interno, desértico. Indagava-me qual “praga” a atingira de modo tão devastador.

Luana procurou a análise, pois havia ficado viúva há 5 anos e, desde então, apresentava estados de depressão com frequentes crises de angústia e pânico, além de somatizações, como cólicas intestinais, gastrites e doenças de pele. Dizia não ter aceitado a morte do marido e manifestava, muitas vezes, o desejo de “morrer junto”. Medicava-se com um neurologista que prescrevia altas doses de ansiolíticos e antidepressivos pelo telefone. Parecia estar sempre em um estado de torpor.

Contudo, ao longo da análise, Luana se referia ao seu casamento como um verdadeiro “inferno”, com várias traições por parte do marido, explosões de raiva e recorrentes complicações, muitas vezes até jurídicas, em função de dívidas financeiras. Descrevia o marido como frio, manipulador, perverso e acusava-o constantemente de ter-lhe roubado os sonhos de ter uma profissão e ser independente. Chegou várias vezes a adjetivá-lo como “mau”, embora só o chamasse de “bem”.

Relatou que, ao longo do seu casamento, tivera algumas depressões, tratadas com medicamentos e episódios de sonoterapia, além de internações prolongadas por complicações orgânicas. A morte do marido, acometido de um infarto, a pegou numa fase de recuperação destas enfermidades, o que a impediu de tomar conta não só dos procedimentos em relação ao enterro como da venda de um imóvel para o pagamento de dívidas, deixando tudo sob a responsabilidade da única filha, na época uma jovem de 22 anos. Este estado de “fora da vida”, “fora do ar” permanece, segundo ela, até hoje.

A venda de uma casa na serra, local que ela dizia adorar por poder expressar-se como jardineira e paisagista (me lembrei da analogia que fiz no início entre jardim e deserto) provocou-lhe uma dor lancinante e o relato desta perda voltava a cada sessão associada à falta de caráter do marido que, de forma incauta, deixara uma dívida incalculável para ela e a filha. Novamente a ideia de um “bem” (casa) e de um mau caráter me veio à cabeça.

## **AS SESSÕES**

Luana chegava para as sessões sempre muito deprimida, embora muito bem vestida, e se lamuriava, chorava alto com soluços que me pareciam de

uma criança que acorda aterrorizada no meio da noite. Falava monocordamente sobre o marido, alternando queixas e ataques a ele com sentimentos de profunda saudade e desesperança.

Sentia-se sozinha e questionava-se porque todas as pessoas ao seu redor pareciam desprezá-la. Afastavam-se, segundo ela, não sem, no entanto, antes a usurparem de algum “bem” precioso, que incluía objetos pessoais, móveis, utensílios domésticos, carro e, até mesmo, um cachorro. Estas acusações dirigiam-se aos empregados, familiares do marido e seus próprios familiares. Ao mesmo tempo, desferia contra si própria ataques violentos que sempre terminavam numa constatação inequívoca de sua covardia perante a vida.

A desvalia da paciente me fez pensar em sua dificuldade em lidar com o luto. Recorri a Freud (1915), em seu ensaio *Luto e Melancolia*, para aprofundar-me sobre o que os poetas e psicanalistas chamam de a dor de existir.

Freud, ao falar do trabalho do luto, aponta que a realidade mostra que o objeto amado já não existe e toda libido deverá ser retirada de suas ligações com este objeto. Naturalmente, uma compreensível oposição acontece, pois o homem não abandona de bom grado uma posição da libido mesmo quando um substituto já lhe acena. Entretanto, o desespero da paciente imersa em uma angústia aterradora, paralisante frente à vida, me fez ir mais fundo no estudo sobre a melancolia.

Freud aponta que a melancolia se apresenta de forma ainda mais enigmática que o luto, pois no luto é o mundo que se torna pobre e vazio, enquanto na melancolia é o próprio ego que se desertifica. O investimento do objeto foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto e, sim, retornou para o ego, produzindo uma identificação do ego com o objeto abandonado. E então me deparei com a frase emblemática e um tanto obscura de Freud: “A sombra do objeto caiu sobre o ego”. A minha sensação, depois disto, era de total assombro frente ao enigma que se configurava a partir daquelas palavras.

Foi, então que Roussillon, em sua palestra intitulada “*O fundo melancólico das problemáticas narcísicas*” me ajudou a pensar sobre esse tema. Para o psicanalista, o eu incorpora o objeto perdido, em uma

identificação incorporativa. *“Eu me o torno objeto. Dentro de mim há uma confusão entre o objeto e eu. Dois em um só corpo”*. A sombra, então, é incorporada e assombra o eu, ameaçando-o de aniquilação. A sombra, portanto, se apresenta como um terror sem nome, sem representação, fora do tempo, sem fim, “insimbolizável”.

Freud comenta sobre a falta de vergonha do melancólico em se autodepreciar frente aos outros, parecendo encontrar uma espécie de satisfação no autodesnudamento. Para ele *“queixar-se é dar queixa, eles não se envergonham nem se escondem, porque tudo de depreciativo que dizem de si mesmos no fundo dizem de outrem”*.(pg. 26)

Inicialmente Luana preenchia, de modo resistente, as sessões com relatos repetitivos de fatos traumáticos do seu casamento e tudo que havia perdido após a morte de seu marido. Novamente, a ambivalência se fazia presente, algo que me fazia pensar na ausência de um marido em vida e na presença avassaladora de um defunto.

Certo dia, após consulta a um oftalmologista, Luana chegou para a sessão com lentes de contato verdes. Perguntou se eu havia gostado e disse que seu marido também tinha olhos verdes. Essas lentes permaneceram por alguns meses até que ela voltou a usar os óculos.

Esta cena insólita causou em mim uma sensação estranha embora eu não conseguisse tirar dela algum sentido. A princípio pensei que pudesse ter relação com os meus olhos, mas não me parecia só isso, decidi silenciar-me e suportar a espera.

Luana parecia me ignorar, preferia “encher-se” com a ausência do marido. Só me percebia no momento do pagamento. Fazia uma expressão de choque, como se tivesse levado um susto a cada vez que lhe eram, no final do mês, cobradas as sessões. Rocha (2011) pontua que o pagamento é uma maneira de introduzir o princípio de realidade em uma relação de pensamento imaginário caracterizado pelo indiscriminado. Pensei na indiscriminação entre Luana e seu marido morto.

Ao longo do primeiro ano de análise e também depois de consultar-se com um psiquiatra, que reduziu drasticamente a medicação, Luana pareceu

poder aventurar-se por vias simbólicas e começou a ser capaz de deixar-se levar por associações livres, inaugurando uma nova fase da análise.

Associação livre, segundo Rocha (2011), é um convite feito ao sujeito a um livre exercício da palavra. Segundo ele, o processo psicanalítico, por meio da regra de associação livre, presta-se a viabilizar um movimento mais livre de energia psíquica, permitindo ao analisando a formação de rearranjos entre imagens e quantidades de energia. Neste sentido, o processo analítico transforma-se no *locus* de significações e ressignificações.

Laplanche e Pontalis (1967) definem esta regra básica da psicanálise como um método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que acodem ao espírito do analisando, quer a partir de um elemento dado, quer de forma espontânea.

Entretanto, nos diz o Rocha (2011), o processo analítico pressupõe tanto um falar quanto um escutar. Essa escuta do analista apresenta-se como uma espera atenta “que pode ser traduzida como a instigação silenciosa do inconsciente do analisando” (p 51).

Esse modo de escutar o analisando, segundo Freud (*apud* Laplanche e Pontalis, 1967) chama-se atenção flutuante. O analista não deve privilegiar a *priori* qualquer elemento do discurso do paciente, o que implica que deixe funcionar livremente a sua atividade inconsciente sem deixar que suas motivações dirijam sua atenção. Segundo Rocha (2011) a partir do momento em que o analista escuta o analisando, ele já não mais dispõe de sua personalidade, tornando-se “vazio de si próprio”.

Luana, que já era capaz de produzir e compreender várias elaborações **metafóricas**, surpreendeu-me com um senso de humor refinado e como, de modo bastante criativo, traduzia em palavras o que sentia. As sessões eram ricas de pensamentos, citações e alusões a escritores famosos e letras de música.

Entretanto, Luana não melhorava. Os dias ainda eram passados em quartos escuros e nenhuma atividade prática da vida era retomada. O mundo ainda lhe parecia sombrio. De novo, as palavras de Roussillon se fizeram presentes. A melancolia não envolve um objeto perdido e, sim, um sujeito perdido. E um analista perdido, pensei.

Maria Rita Kehl (2009) nos diz que o discurso melancólico tenta produzir na transferência uma relação de assimilação oral com o analista, o que atesta a precocidade do laço com o objeto perdido. Eu havia sido capturada, ou melhor, devorada pela paciente.

O tratamento parecia não possuir nenhum efeito, o que me intrigava. Percebi em mim uma dissociação entre o meu corpo e os meus pensamentos, pois enquanto a sessão era intelectualmente rica, cheia de associações prenhas de sentidos e momentos de muitas risadas, o meu corpo parecia inerte, pesado, invadido, muitas vezes, por uma sensação de sonolência e estupor. Esta sensação me fez pensar que havia algo de outra ordem que me escapava ao intelecto e que se fazia presente embora não tivesse nome.

O questionamento sobre a não melhora da paciente me era feito também por seus familiares e seus médicos (gastros, cardiologistas, ortopedistas e uma lista que não tinha fim). A minha frustração e decepção eram evidentes, pois por mais que nós trabalhássemos, elaborássemos, o trabalho era, nas palavras de Roussillon, varrido. Essa decepção, segundo o psicanalista, era a marca da decepção do sujeito, ele fora decepcionado.

A minha paciente me decepcionava porque havia sido decepcionada. Maria Rita Kehl (2009) fala que a estrutura da melancolia é marcada pelo encontro com um objeto decepcionante. Talvez, para a autora, uma posição da libido nos primórdios da vida psíquica tenha sido abandonada, ou perdida, e o que houve, então, foi uma identificação precoce do ego com o objeto perdido. *“Uma mãe que se ocupa do bebê como de um pedaço de carne. Uma mãe morta que não se apresentou em tempo ou retirou-se cedo demais”* (pg 235). Um encontro com um nada que a tudo nadifica.

Segundo Urânia Peres (2011), a criança não recebeu o embalo agregador de Eros e permanece sob o abraço mortífero de Tanatos.

### **Fragmento de uma sessão:**

Durante uma sessão, Luana falava de um programa sobre religião que vira na TV que abordava o tema da morte, mais precisamente, do que acontecia depois que uma pessoa morria. Discorreu sobre que tipo de destino

cada um teria após sua morte fazendo uma conexão com as atitudes que tivera ao longo da vida.

*“A trajetória após a morte depende de como se viveu na vida, me dizia ela. Alguns morriam e “subiam direto” ao passo que outros, não evoluídos, eram condenados ao LIMO que era um lugar horroroso, tipo alma penada”.*

*“LIMO”? Repeti esta palavra e ela corrigiu-se; “não... LIMBO, e após um pequeno silêncio disse: mas acho que é porque acho gosmento, grudado, que cola”.*

A confusão da paciente entre limbo e limo me chamou a atenção. Limbo, do ponto de vista católico, de acordo com o dicionário Aurélio, refere-se ao local em que se encontram as almas (não-batizadas), temporariamente, afastadas de Deus até que as mesmas sejam redimidas do pecado original. E limo é definido como lama, lodo, imundície. A melancolia recebeu, por aqueles que a estudam e também pelos que a sofrem ao longo da história, várias denominações: sol negro, demônio do meio dia, trevas, bile negra e agora, limo.

Pensei em quem ela se sentia colada ou quem colava nela e de que pecado original ela precisava se redimir. A gosma me pareceu colar Luana a este defunto putrefato que povoava seu mundo interno de lodo e imundície (carne morta). E o não batismo, responsável pela sentença inequívoca de condenação ao limbo, me pareceu representar o não ingresso da criança na vida simbólica, permanecendo esta amalgamada indiscriminadamente e assustadoramente a algo da ordem do irrepresentável. Só se pode fazer o luto do que algo que já existiu. Como representar o que nunca existiu? Mas o que é essa sombra? Experiência vivida pela criança antes mesmo desta ter adquirido uma percepção de temporalidade. Uma vivência, que pela ausência da noção de tempo apresenta-se como uma sensação que não tem fim, um terror imortalizado.

A origem da dor vem da experiência precoce do eu de não ter tido valor para a mãe. A possibilidade da mãe conferir ao filho um lugar simbólico foi interrompida ou nunca existiu.

Quando Luana fala de cola, acho que me diz *“dentro de mim há uma confusão”*. Existe mais de um em mim, algo na dimensão do incorporado que

me assombra, me julga, me pune. **Roussillon nos** ajuda quando fala de “oness”, dois em um só corpo, como irmãos siameses. A sombra do objeto colonizou o eu, disse o autor, colou-o à sombra e essa sombra o ameaça de aniquilação. Imediatamente me lembrei do início da análise, quando Luana me falava da beleza de seu marido coroada por um par de olhos verdes que o dotava de uma beleza infantil ao mesmo tempo que enigmática e sua atitude, de Luana, de trocar o uso dos óculos por lentes de contato verdes. Luana estava colada ao marido pelos olhos. Olhos que nunca a olharam. Olhos mortos que encheram-na de terror.

Lembrei-me de seu choro carregado de horror das primeiras sessões. Um horror que, semelhante a um estado permanente de pesadelo, não a deixava sonhar.

Kehl (2009) nos diz que é o encontro com o analista que pode restituir a capacidade do paciente sonhar e deixar-se afetar pelo sonho. Sonhar para sentir-se vivo para, então poder elaborar a verdadeira experiência da perda, e mais ainda sonhar para libertar seu corpo da função de guardar a morte de um ente querido e sepultá-lo, agora usando as palavras da autora, “*a sepultura é a manutenção da memória do morto na forma simbólica de inscrição de um nome (p208)*”. Para a autora, a inscrição psíquica do nome do morto é uma forma de torna-lo presente como memória e enterrá-lo como um fantasma construído a partir da identificação.

Gostaria de terminar este texto com um poema de Carlos Drummond de Andrade, que expressa com muita beleza, a possibilidade de se reencontrar a paz depois de intermináveis temporais.

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim.*

(Carlos Drummond de Andrade)

## Referências Bibliográficas

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. (Org.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1915.

KEHL, M.R. Ceder de seu desejo: o vazio depressivo. In: KEHL, M.R. (Org.). **O tempo e o cão**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.

ROCHA, F. J. B. **Entrevistas preliminares em psicanálise: incursões clínico-teóricas**. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2011. 219 pp.

ROUSSILLON, R. O fundo melancólico das problemáticas narcísicas. In: Curso de psicanálise, 2013, Rio de Janeiro. **Sociedade Brasileira de Psicanálise**. Rio de Janeiro.